

SENTIDO DO TRABALHO E INSATISFAÇÃO PROFISSIONAL:

Contribuições da Logoterapia

Luciana Crnkovic

<http://lattes.cnpq.br/8815848309767756>

Glenda Cristina da Silva Barrozo

<http://lattes.cnpq.br/6273220704737590>

Juliana Balizardo de Oliveira

Karine Brandão Pereira

RESUMO: Este artigo propõe-se ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o sentido do trabalho na Logoterapia e como esta pode contribuir na busca da satisfação profissional. De onde vem a insatisfação profissional? Quais as consequências da vivência dessa insatisfação? De que forma a Logoterapia pode contribuir sobre a compreensão do sentido do trabalho? A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, visando aprofundar o tema em questão, mediante pesquisa bibliográfica nas obras de Viktor Frankl e demais autores que abordam o sentido do trabalho. Notou-se que o ser humano está sobrecarregado pelo excesso de desejos e possibilidades, desencadeando um afastamento do conhecimento de si nessa busca exacerbada de ser e ter, ocasionando assim um enorme vazio. Existencialmente frustrado e sem a visão de suas potencialidades, o homem não sabe como preencher esse vazio. Desta forma, este artigo responde através da bibliografia pesquisada como surge a insatisfação humana e de que forma se pode encontrar o sentido do trabalho. O homem pode conduzir da melhor forma possível aquilo que lhe foi confiado, desenvolver seus potenciais, viver da melhor maneira a vida e usá-la como uma grande oportunidade para viver com sentido de modo consciente, responsável e autotranscendente.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; vontade de sentido; vazio existência

ABSTRACT: This article aims to expand and deepen knowledge about the meaning of work in Logotherapy and how it can contribute to the Search for professional satisfaction. Where does professional dissatisfaction come from? What are the consequences of experiencing this dissatisfaction? How can Logotherapy contribute to understanding the meaning of work? The

methodology used was a qualitative approach, aiming to deepen the topic in question, through bibliographical research in the works of Viktor Frankl and other authors who address the meaning of the work. It was noted that human beings are overwhelmed by an excess of desires and possibilities, triggering a separation from self-knowledge in this exacerbated Search for being and having, thus causing a huge void. Existentially frustrated and without a vision of his potential, man does not know how to fill this void. In this way, this article answers, through the literature researched, how human dissatisfaction arises and how meaning can be found in work. Man can best manage what has been entrusted to him, develop his potential, live in the best possible way and use it as a great opportunity to live meaningfully in a conscious, responsible and self-transcendent way.

KEYWORDS: work; desire for meaning; empty existence

1 INTRODUÇÃO

Vive-se atualmente uma realidade em que as conquistas tecnológicas afastaram os homens da sua verdadeira essência. A velocidade tomou conta das pessoas, tornando tudo instantâneo. O homem vive o hoje com a sofreguidão de quem precisa atender todas as necessidades impostas. O ser humano está sobrecarregado, trazendo por dentro um enorme vazio. O excesso de desejos e de possibilidades o afastou das oportunidades de autoconhecimento, hipnotizado que está em uma busca desenfreada por ser e ter.

A volúpia do prazer devora a todos. Atinge-se o gozo, sem o sentido da felicidade; o poder, sem a presença da paz interior. Nesse labirinto de grandezas e de misérias, o ser humano aturde-se, perdendo o direcionamento pessoal e a autoidentificação.

Instala-se no indivíduo a insatisfação interior e a falta de propósito na vida, sintomas do vazio existencial. Existencialmente frustrado e sem a visão de suas potencialidades, o homem não sabe como preencher esse vazio. O tédio e a apatia tomam conta do ser que, por não saber para onde ir e nem mesmo o que quer, procura nos prazeres sensoriais a cura que nunca vem.

A desgraça do presente, o vazio existencial, surge de uma enorme frustração espiritual, que faz o homem voltar-se para si próprio e o induz a procurar pela felicidade dentro da dimensão psíquica. A vontade de sentido é frustrada - vontade de sentido que, nas palavras de Frankl, de forma resumida, pode ser definida como o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos.

Partindo da visão da antropologia Frankliana, o homem é um ser biopsicoespiritual e a satisfação das necessidades materiais e psíquicas não lhe confere plenitude. Sua dimensão espiritual clama por sentido, obtido na realização de valores transcendentais.

No livro *A Vontade de Sentido – Fundamentos e Aplicações da Logoterapia*, Viktor Frankl descreve esse cenário:

Nesses casos, em que a vontade de sentido é frustrada, a vontade de prazer se impõe não apenas como uma derivação da vontade de sentido, mas também como uma substituta para ela. A vontade de poder, por sua vez, serve, paralelamente, a um propósito análogo. Apenas quando a preocupação original com a realização de sentido é frustrada, é que alguém concentra seus esforços na obtenção de prazer ou contenta-se com a conquista do poder. (Frankl, 2011, p. 121).

O esforço por obter poder, dinheiro, sexo, portanto, funcionam como estratégias de fuga ao vácuo existencial. Irrompe, daí, um surpreendente mercado para receitas de felicidade. Vive-se a era da neurose coletiva do vazio existencial e da compulsão por felicidade.

Neste ponto reside o conflito do homem moderno: por um lado, a dimensão biopsíquica, com suas inúmeras possibilidades de sentido e seus valores objetivos, que precisam ser realizados; por outro lado, a dimensão espiritual, que o impulsiona ao sentido, na realização de valores transcendentais.

Há uma incongruência entre a dimensão psíquica, com sua busca constante de autorrealização, e a dimensão espiritual, com sua não menos constante busca de realização de valores.

O presente trabalho tem por objetivo explorar o verdadeiro conceito de trabalho, inserindo-o no atual contexto de busca por um propósito e necessidade de satisfação pessoal; investigar a real extensão de sentido do trabalho e a capacidade que tem de prover o indivíduo de ferramentas para o enfrentamento necessário das adversidades da vida profissional, bem como averiguar a importância do trabalho como cumprimento de um dever social, em benefício da comunidade, servindo de instrumento para crescimento pessoal e atualização das potencialidades humanas.

Utilizou-se, para tanto, a metodologia de pesquisa qualitativa-explicativa, aprofundando o tema mediante estudo das obras bibliográficas de Viktor Frankl, de teóricos da logoterapia e outros autores, buscando ampliar o conhecimento sobre o sentido do trabalho na Logoterapia e como esta pode contribuir na busca da satisfação profissional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O TRABALHO COMO FONTE DE PRAZER

No cenário atual de obsessão por felicidade, o conceito de trabalho foi corrompido pela necessidade de satisfação pessoal. Vocação e propósito se converteram em mecanismos de obtenção de recompensas prazerosas. O trabalho foi dissociado do cumprimento de um dever social, passando a ser vivenciado como uma obrigação insuportável, que as pessoas se submetem por necessidade de sobrevivência ou, tão somente, por trazer algum contentamento.

A atividade profissional está sujeita à imposição suprema de uma máxima satisfação de desejos. Trabalho bom, portanto, é aquele que “é bom para mim”, ou seja, nem monótono e nem estressante demais, que não tenha exigências em excesso e traga suficiente ganho e reconhecimento, permitindo, é claro, um certo espaço livre (Lukas, 1992). Ao apostar a felicidade em um trabalho prazeroso, o homem perde seu sentido existencial. As aflições resultantes da busca incessante por satisfação pessoal, em contrapartida com os embates comuns nos ambientes laborais, fragilizam as estruturas emocionais do indivíduo. O quadro de angústia que se instala, associado à deficiência de conteúdo na vida, sobrecarrega a esfera afetiva e, com isso, a capacidade de defesa do corpo. O homem adocece.

Vive-se, na atualidade, uma epidemia de doenças laborais, causada pelo desânimo que o trabalho provoca. Sintomas como exaustão, estresse, dores somáticas, problemas

gastrointestinais, insônia, alteração de peso e suas consequências, entre uma infinidade de outros, sinalizam essa realidade. O indivíduo é tomado por forte angústia e já não encontra motivos e nem forças para seguir adiante. Sem um sentido para prosseguir, instalam-se as doenças, são cada vez mais comuns os diagnósticos de depressão; transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e síndrome de Burnout.

Sobre a síndrome de Burnout, o psiquiatra, Roberto Almada (2020, p.28), define-a como:

(...) uma resposta adequada a um estresse emocional crônico, cujas características principais são: esgotamento físico e emocional, atitude fria e despersonalizada na relação com os demais e um sentimento de inadequação para as tarefas que vinham sendo realizadas anteriormente. (Almada, 2020)

O esgotamento emocional supõe sintomas de perda de energia, esgotamento físico e psíquico e uma sensação de ter chegado ao limite, de não aguentar mais. A pessoa encontra-se anulada, incapacitada para dar algo de si. A falta de vontade e de iniciativa, incapacidade de sentir prazer e apatia tomam conta do sujeito.

Portanto, paradoxalmente, essa busca obstinada por prazer e felicidade se manifesta exatamente onde se deixou de lado o verdadeiro objetivo da existência, onde se fracassou em realizar o sentido da vida.

A procura pela felicidade é sempre infrutífera. A felicidade não pode ser obtida intencionalmente, como fim último de uma busca pessoal. Ela é resultado de um agir com sen-

tido. Ou seja, o sentido não é um meio para o fim, ele contém o fim em si ou então deixa de ter sentido.

A felicidade, que para todas as outras escolas psicológicas é o objetivo mais elevado de toda aspiração humana, não constitui objetivo algum para Viktor Frankl; para ele, a felicidade é um produto colateral automático de uma existência plena de sentido. (LUKAS, 1992, p. 142).

Isto significa dizer que a pergunta: o que se deve fazer para ser feliz? é uma pergunta mal colocada desde o princípio. Não existe absolutamente nada que se possa fazer para ser feliz, que realmente leve à felicidade. Felicidade é consequência de ações com sentido.

Não são, portanto, a sobrecarga, a pressão do trabalho e a desmotivação os critérios exatos para o desencadear das doenças, como muitas vezes se acredita. Antes, trata-se de como é experienciado o sentido da própria atividade laboral.

Quando se tem que trabalhar sob a pressão da falta de tempo e com muito dispêndio de energia, mas encontra-se sentido no trabalho, não ocorre nenhuma deterioração da situação afetiva e, por conseguinte, também não piora a situação imunológica. O inverso também é verdadeiro: um trabalho experimentado como carente de sentido causa frustração e, por mais cômodo que seja, põe em risco a saúde do trabalhador.

Então, buscar o prazer, a felicidade ou afetos positivos é fator gerador de crise, pois isso simplesmente retira a possibilidade de alcançá-los. A crise, por sua vez, é a frustração existencial, relacionada não apenas

a um trabalho frustrante, mas resultante da convicção de uma pessoa de que, no fundo, a vida não tem sentido, ou não tem mais sentido.

2.2 O TRABALHO COMO REALIZAÇÃO DE VALORES

Para a Logoterapia, a verdadeira natureza do trabalho extrapola os limites do “eu”, seu alcance visa o bem da coletividade, sendo, portanto, instrumento para a realização de valores. A atividade profissional só tem sentido quando o homem realiza valores através daquilo que faz.

Valores são possibilidades concretas para a pessoa humana descobrir sua própria realização, são como meios para encontrar sentidos. Poder realizar valores criativos que estão relacionados com o trabalho, como algo que faça a pessoa se sentir útil, através da prática de um ato criativo (Aquino; Penna, 2016).

Os valores criativos estão relacionados ao potencial criativo de cada pessoa e ao seu caráter de ser único e irrepetível. Concretizam-se à medida que alguém oferece algo de si mesmo ao mundo, por meio de um trabalho, uma tarefa, uma obra, numa atitude auto transcendente de ir além de si, de dirigir a inteligência e a vontade para realizar a partir de si em função do mundo.

De acordo com Frankl,

em particular, o trabalho pode representar o campo em que o - caráter de algo único - do indivíduo se relaciona com a comunidade, recebendo assim o seu sentido e o seu valor. Contudo, este sentido e este valor são inerentes, em cada caso, à

realização (à realização com que se contribui para a comunidade) e não à profissão concreta como tal. (Frankl, 2019, p. 205).

O que a profissão faz é abrir um caminho para que o homem possa exercer o seu vir a ser, pois nenhum tipo de profissão, em si mesma, pode oferecer ao homem a possibilidade de atingir a plenitude. É nesse contexto que muitas pessoas se frustram, pois acham que a profissão que escolheram deve ser um caminho para ter felicidade, prazer e/ou poder. E nisso está a causa de muitas neuroses e da insatisfação profissional que tanto se ouve falar nos dias de hoje

A plenitude almejada só será atingida através da saída de si, ou seja, de um movimento de autotranscendência. Segundo Fabry (1990, p.19), a autotranscendência é a capacidade de ir além de si mesmo, em direção às outras pessoas para amar ou causas pelas quais lutar. Conforme assevera Lukas:

Ao considerarmos a capacidade humana para a autotranscendência, o trabalho bom é idêntico ao trabalho que tem sentido e, por sua vez, o trabalho que tem sentido significa um trabalho que cria algo que tem sentido no mundo, ou que modifica algo que existe no mundo para melhor; em resumo, que leva uma obra positiva à sua conclusão (...). Em um trabalho dignamente humano está inserido o valor da obra a ser construída. (Lukas, 1992, p. 137).

O sentido é pessoal e intransferível, não pode ser criado, mas descoberto. Buscar esse sentido é deparar-se com um para quê viver, além de si mesmo, que convoca a realizar algo, a alguém a quem amar, a que servir. No sentido do trabalho, somente quando o homem se abre para além do que está estabelecido em sua profissão (normas, modus operandi, regras etc.) é que ele pode

fazer um trabalho pessoal, colocando nesse trabalho aquilo que tem de único e irrepetível; o que somente ele pode fazer. O como cada pessoa faz sua atividade é que a torna insubstituível. E nisso está uma oportunidade para encontrar o sentido.

O que importa não é, de modo algum, a profissão em que algo se cria, mas antes o modo como se cria; que não depende da profissão concreta como tal, mas sim de nós, o fazermos valer no trabalho aquilo que em nós há de pessoal e específico, conferindo à nossa existência o seu caráter de algo único, fazendo-a adquirir, assim, pleno sentido. (Frankl, 2019, p. 206).

Portanto, o sentido da vida humana não se reduz ao trabalho profissional. A profissão é parte integrante da pessoa humana.

Trabalhar com aquilo para o que se tem habilidade inata é o sonho de cada qual. Essa realidade, no entanto, faz parte das circunstâncias de poucos. Não obstante, esse fato não descaracteriza a função última do trabalho, que está longe de ser a satisfação pessoal. Esta seria, conforme já mencionado, o resultado de uma atividade realizada com sentido.

3 DISCUSSÃO

A possibilidade de escolha é inerente à pessoa humana. Seja a escolha de mudar uma situação incômoda ou a de aceitar aquilo que não é passível de mudança. Com relação ao trabalho não é diferente.

Como regra, se algo que incomoda pode ser mudado, o sentido do momento é fazer essa mudança. Conforme destaca Fabry, citando o logoterapeuta japonês, Dr. Hiroshi Takashima:

A situação que podemos dominar é como uma cobra venenosa que está presa conosco dentro de uma jaula. O sentido da situação é encontrado no ato de matar a cobra. A situação da qual não podemos escapar é como estar trancado ao lado de um boi forte e pacato. O sentido da situação é encontrado quando aprendemos a viver junto ao animal. (Takashima, 1985 apud Fabry, 1990, p.98).

Trazendo esse conceito para o trabalho, existem duas possibilidades quando se está desmotivado pelo ofício que se exerce: buscar uma nova atividade profissional que traga sentido ou, não sendo possível, encontrar um sentido no que se faz.

Diante da situação incômoda, abre-se um leque de possibilidades: abandonar o emprego, permanecer sofrendo, mudar de profissão ou atividade, aceitar o sofrimento com resignação. Dentre todas as opções possíveis, a pessoa tem a liberdade para escolher aquela que é mais significativa nas circunstâncias em que está inserida. Significativa, nessa perspectiva, significa dizer aquela que tenha sentido, ou seja, aquela que transcende aos interesses unicamente pessoais. A liberdade precisa ser praticada com responsa-

bilidade. Toda escolha significativa é livre e responsável.

Ao selecionar qual decisão é a mais acertada para o momento atual, Fabry, (1990, p. 101), traz alguns pontos que devem ser considerados, como:

Autoconhecimento – *Essa escolha representa valores pessoais ou está baseada em exigências externas (dos pais, de amigos, da sociedade)?*

Unicidade – *Ao optar por determinada circunstância, coloco-me em uma conjuntura em que dificilmente posso ser substituído? Ou seja, se eu não fizer, quem o fará? Em outras palavras, a maneira como se faz determinada coisa, lhe confere caráter de algo único e irrepetível*

Responsabilidade – *Qual o impacto dessa escolha nos outros? A responsabilidade pode ser entendida como a habilidade de responder. A habilidade que as pessoas têm de responder ao sentido que lhes é oferecido em cada situação.*

Autotranscendência – *Essa escolha abre possibilidades de transcender os desejos unicamente pessoais? (Fabry, 1990)*

Condicionar a decisão às perspectivas como essas fará encontrar sentido no que será feito. Escolhas exclusivistas, que levam em consideração apenas os interesses pessoais, não trazem satisfação. Assim como o prazer sem sentido é vazio, o poder sem propósito é corrupto, a escolha sem responsabilidade não tem significado. Conforme defende Fabry (1990, p. 134): “liberdade sem responsabilidade gera vazio, frustração, desespero, vício, violência, neuroses, suicídio”.

De outra parte, não se posicionar e entregar-se ao vitimismo também é escolha. Ao se isentar de sua parcela essencialmente huma-

na, renunciando ao poder de transcendência, da liberdade e da responsabilidade, o indivíduo passa a acreditar em um determinismo, onde nada poderá mudar seu destino. Assume uma atitude fatalista perante a vida, em que tudo já está determinado e nada poderá ser feito. Ao adotar essa atitude, já não consegue apreender sua realidade. É a derroca da do homem enquanto personalidade.

Conforme defende Shlomo Bardin, diretor do Instituto Brandeis na Califórnia, o homem é “administrador da própria vida”. É responsável por conduzir da melhor forma possível aquilo que lhe foi confiado, em desenvolver seus potenciais, em viver da melhor maneira sua vida e usá-la como uma grande oportunidade.

Exercer a liberdade de escolha com responsabilidade, algumas vezes, significa resignar-se com circunstâncias que não podem ser mudadas, uma vez que as opções que se apresentam comprometem de forma prejudicial a terceiros. É o caso, por exemplo, do pai de família que não pode arriscar a subsistência dos familiares em alternativas aventureiras de mudança de trabalho. Nessas situações, a atitude correta é aceitar a realidade que se apresenta desafiadora e geralmente dolorosa. Contudo, ainda assim é possível dotá-la de sentido, promovendo mudança na conduta adotada diante da dificuldade, por exemplo, passando a manifestar gratidão pelo emprego que traz o sustento dos filhos.

Sempre é possível manter uma postura com sentido diante do sofrimento. A escolha, nesses casos, não diz respeito a aceitar ou rejeitar a dor, mas se o rigor da situação será

capaz de aniquilar uma vida ou se será possível encontrar conforto nos seus aspectos positivos.

Especificamente com relação a um trabalho desmotivador, quando não é viável a mudança sem prejuízos maiores, ainda assim é possível buscar um sentido. Questionar-se se há alguém que possa ser ajudado com esse trabalho; ou que conhecimentos ou habilidades pessoais podem ser colocadas em benefício de outrem e até mesmo se esse exemplo de superação pode ser compartilhado para que outros se beneficiem.

Frankl, no seu livro “Psicoterapia e Sentido da Vida”, fala do trabalho das enfermeiras, que uma paciente dele invejava. Ela achava que se tivesse outra profissão, a satisfação viria. Ele questiona, o que fazem as enfermeiras?

(...) É ferver seringas, despejar urinóis, ajudar os doentes a deitar-se, tudo trabalho certamente útil, mas que de per si muito dificilmente poderiam satisfazer o homem; contudo, quando uma enfermeira, para além de suas obrigações mais ou menos regulamentares, faz algo de pessoal; quando por exemplo, acha uma palavra para dizer a um doente grave, - então, sim, conseguirá encontrar no trabalho profissional uma oportunidade para dar sentido à sua vida. (Frankl, 2019, p. 207).

Mudar de emprego ou profissão nem sempre é a solução. Pode acontecer que, além de não resolver os problemas, gere conflitos noogênicos tanto no trabalhador como nos membros de sua família. Em alguns casos, os conflitos dessa natureza são provocados pelo sistema que algumas empresas adotam de promover seus executivos à medida que os transferem de um lugar a outro no país e mesmo fora dele.

Fabry, em seu livro “A Busca do Significado” (1984, p. 66), relata alguns exemplos, como:

(...) um gerente de vendas de uma companhia de automóveis, que era periodicamente transferido para zonas diferentes, sofreu um colapso nervoso cuja origem noogênica se manifestava num sonho que lhe ocorria com frequência, no qual ele se via a si mesmo como um automóvel que era trocado a cada ano por um novo modelo. A esposa de um engenheiro caiu em depressão quando seu marido foi nomeado supervisor em uma pequena cidade onde ela não conhecia ninguém, justamente na época em que seus filhos haviam abandonado a casa para estudar ou casar-se. A filha de sete anos do gerente de uma companhia petrolífera começou a gaguejar depois que seu pai foi elevado de posto três vezes consecutivas em dois anos, e obrigado a mudar-se de cidade em cada ocasião. (Fabry, 1984)

Assim, a pessoa insatisfeita profissionalmente deve se voltar para o que ela tem de único e irrepetível – como os fatores que dão sentido à existência, para além da vida profissional, na sua vida privada. Frankl reforça que era isso que a sua paciente (que invejava as enfermeiras) precisava ver – além da profissão. “Como amante e amada, como esposa e mãe, pois nisto está toda uma série de encargos vitais em que uma mulher é insubstituível para o marido e os filhos, ninguém a podendo propriamente a representar” (Frankl, 2019, p. 207).

A mudança de atitude faz com que a pessoa abandone a postura de vítima e assuma o controle, na medida do possível e dentro dos limites de cada circunstância. Como diz Frankl: uma atitude valorosa provê um importante caminho para o significado.

Embora Frankl seja contra a prescrição de significados, ele ajuda seus pacientes a enxergarem três áreas onde eles podem encontrar significados: atividades criativas (trabalho, “hobbies”, ou devoção a uma tarefa), experiências (contato com obras de arte, com a natureza ou com outras pessoas) e atitudes (quando, em uma situação de desespero, recorre-se à liberdade interior, esta liberdade que jamais alguém poderá tirar) - a liberdade de enfrentar uma situação diante de um acontecimento imutável).

Apesar das melhores intenções, algumas vezes torna-se difícil encontrar sentido na tarefa realizada diariamente. Mas, felizmente, com a diminuição das horas de trabalho, surgem maiores oportunidades de achar atividades significativas durante os momentos de lazer, pode-se, por exemplo, destinar este tempo a cursos educativos para adultos, trabalho voluntário em hospitais, melhoramentos da comunidade ou vizinhança, propaganda a favor de algum partido político ou tarefas artísticas.

Em seu livro “Psicoterapia e sentido da vida – fundamentos da logoterapia e análise existencial”, Frankl traz exemplos de homens que, mesmo vivendo em situações econômicas desfavoráveis, não sucumbiram à apatia nem à depressão. Ele observa que esses homens se dedicavam a ocupações que iam muito além das atividades profissionais, como mencionado anteriormente. Esses homens “sabem dar pleno sentido ao excesso de tempo livre e, desta maneira, conferem uma plenitude de conteúdo à sua consciência, ao seu tempo, à sua vida” (Frankl, 2019, p. 211).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou, de acordo com a Logoterapia, ampliar a visão sobre o sentido do trabalho, partindo de uma análise sobre a desordem coletiva de vazio existencial que atinge as massas atualmente, acarretando a fuga da responsabilidade do homem, sobretudo nos ambientes corporativos. Conceber o trabalho como fonte de prazer e de satisfação pessoal se tornou um refúgio para a irresponsabilidade e insatisfação profissional, bem como para a geração de doenças.

Partindo disso, foi visto ao longo do texto que o trabalho deve ser orientado para o mundo externo, onde a existência humana quer se realizar com sentido. Somente na medida em que isto ocorre, a existência é realmente humana.

Sendo a dimensão espiritual parte de sua constituição, intrinsecamente, o homem está dotado da capacidade de perceber configurações de sentido no ambiente que o cerca, seja ele qual for. Muitas vezes, inclusive, essas configurações de sentido não estão em relação direta com suas necessidades emocionais, podendo até mesmo estarem em oposição a elas. Mesmo assim, a vontade de sentido, inerente a essa dimensão noética, o impulsiona a seguir, em busca de valores existenciais.

Conforme assevera Lukas (1992, p.21): “O espírito não busca o prazer, busca o sentido. O espírito não procura a satisfação de suas necessidades; procura no mundo tarefas e objetivos que tenham sentido”. Isso implica dizer que, mesmo diante de um trabalho

desmotivante, por assim dizer, é possível realizar valores.

A vida convoca o homem incessantemente a isso; responder a esses chamados com liberdade e responsabilidade é o que faz de cada tarefa uma ação com sentido.

À luz da Logoterapia, o homem, com base em sua capacidade de autotranscendência, é capaz de, independentemente de sua estabilidade ou resistência psíquica, responder espiritualmente às configurações de sentido percebidas no mundo externo, realizando-as ou deixando de realizá-las. Esta é a liberdade pela qual o homem precisa responsabilizar-se e que foi introduzida na psicologia por Viktor Frankl. Na interpelação que a vida faz ao homem, cabe a ele responder de modo único e exclusivo àquela situação concreta, àquele chamado específico.

O sentido não se encerra no homem, ele é questionado e convocado para o que está fora dele. E nisto se encontra a verdadeira realização humana. A liberdade de escolher e não fechar-se em si mesmo diante de uma dor e, a responsabilidade de assumir com sentido o que lhe é oferecido em cada situação é um dos principais caminhos para se ter uma verdadeira realização pessoal e sentido no trabalho mesmo diante das situações desafiadoras e/ou dolorosas que estejam presentes ou venham a surgir.

Pois, como afirmou, Viktor Frankl (2019, p.205): “Nenhuma profissão faz o homem feliz. O que a profissão faz é dar-lhe a oportunidade para vir a sê-lo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMADA, R. **O cansaço dos bons – a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional.** Editora Cidade Nova, 3ª edição, 2013.

AQUINO, S. C.; PENNA, M. **Princípios da Logoterapia de Viktor Frankl: motivações e busca do sentido da vida no contexto da Educação Musical.** Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4309/public/4309-14229-1-PB.pdf. Acesso em 26 de abr. de 2023.

FRANKL, V.E. **A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da Logoterapia.** São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, V.E. **Psicoterapia e sentido da Vida.** São Paulo: Quadrante, 2019.

FABRY, J.B. **Aplicações Práticas da Logoterapia.** São Paulo: ECE, 1990.

FABRY, J.B. **A busca do significado.** São Paulo: ECE, 1984.

LUKAS, E. **Assistência logoterapêutica.** Petrópolis: Vozes, 1992.